

Cadeias de gênero em meio digital: um olhar teórico sobre sua composição e pertinência de estudo

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i1.3334>

Sergio Mikio Kobayashi¹

Resumo

Este artigo apresenta um debate teórico a respeito da concepção de cadeias de gênero e a pertinência do estudo deste fenômeno em textos digitais, através de uma análise ilustrativa. Para isso, percorremos um caminho teórico sobre a definição de gêneros em cadeia na perspectiva da Análise Crítica do Discurso faircloughiana (2001, 2003, 2010 [1995]), promovendo um diálogo com as contribuições do Círculo de Bakhtin (2011 [1979]) sobre gêneros do discurso. Em seguida, apresentamos uma reflexão sobre as características da internet, de modo a argumentar sobre a pertinência do estudo de gêneros digitais em cadeia. Por fim, realizamos uma análise da *live* presidencial de Jair Bolsonaro, transmitida em maio de 2020, junto a alguns exemplos de respostas contrárias à fala presidencial. Como resultado, demonstramos possibilidades de análise que se abrem a partir da concepção do estudo discursivo através de gêneros em cadeia.

Palavras-chave: análise do discurso; cadeias de gênero; discurso digital.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; kobayashisergio@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8987-2811>

Genre chains in digital media: a theoretical approach about their composition and relevance

Abstract

This article discusses a theoretical perspective on the conception of genre chains and the relevance of studying this phenomenon in digital texts, through an illustrative analysis. For this, we followed a theoretical path on the definition of genres in chain from the perspective of Fairclough's Critical Discourse Analysis (2001, 2003, 2010 [1995]), also promoting a dialogue with the contributions of the Bakhtin Circle (2011 [1979]) about discourse genres. Then, we present a reflection on the characteristics of the internet in order to argue about the pertinence of studying digital genres arranged on chain. Finally, we presented an analysis of Jair Bolsonaro's presidential live, broadcast in May 2020, along with some examples of responses contrary to the presidential speech. As a result, we demonstrate possibilities of analysis that open up from the conception of the discursive study through genre chain.

Keywords: discourse analysis; genre chains; digital discourse.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão teórica sobre o estudo de gêneros do discurso em cadeias, apontando a pertinência desta concepção de estudos em textos digitais, bem como apresentando uma análise ilustrativa com este fim. Para isso, apresentaremos um breve percurso deste tema nos estudos discursivos e uma análise de uma cadeia de gêneros que possui a *live* presidencial de Jair Bolsonaro, transmitida em maio de 2020, como enunciado-fonte.

Parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, este estudo ancora-se na área da Análise Crítica do Discurso faircloughiana em diálogo com as proposições do Círculo de Bakhtin sobre dialogismo e gêneros do discurso, de modo a contribuir para a conceptualização das cadeias de gêneros e, assim, para a pertinência de seu estudo no meio digital.

O advento da internet trouxe mudanças significativas nos modos de agir: a instantaneidade e o dinamismo têm colocado em xeque os limites do real e do digital, transformando nossa percepção do que afeta e o que não afeta a vida material. Ao observarmos, no entanto, que cada vez mais o meio digital é parte integrante da vida em sociedade, o estudo crítico discursivo sobre este fenômeno torna-se fundamental.

Diante do caráter horizontal e menos centralizado destas novas tecnologias, isto é, em que as pessoas de modo geral têm mais espaço para construir suas opiniões, o estudo

das cadeias de gênero torna-se uma possível chave de análise para compreender os impactos sociais dos discursos que circulam na *internet*.

Para dar conta de realizar esta proposição teórica, dividimos este artigo em três seções distintas: a primeira traz um diálogo entre as proposições do Círculo de Bakhtin (2011 [1979]) e as contribuições de Fairclough (2001, 2003, 2010 [1995]), de modo a localizar teoricamente a noção de gêneros do discurso e cadeias de gênero; a segunda seção é destinada a contextualizar as características da internet e da *Web 2.0* que justificam a utilização da categoria de análise das cadeias discursivas; e, por fim, propomos uma breve análise ilustrativa buscando demonstrar a importância do estudo deste fenômeno.

Cadeias de gênero

São gigantescas as contribuições do Círculo de Bakhtin para os estudos discursivos; o olhar dialético (e dialógico) sobre a linguagem, assim como a perspectiva de enunciados organizados em gêneros, é a força motriz de muitas das pesquisas e debates científicos desta área. Bakhtin (2010 [1963]) proporciona um salto de qualidade na compreensão da linguagem a partir da concepção de língua como uma manifestação viva e concreta. O autor defende que a relação entre enunciados não pode ser compreendida através de um sistema abstrato de signos linguísticos, de modo que a língua reflete e refrata a realidade.

Foi a partir deste modo de olhar os fenômenos linguísticos que os autores do Círculo desenvolveram o conceito de dialogismo. Bakhtin (1979) parte do entendimento de que os enunciados que construímos também remetem a enunciados anteriores que, por sua vez, integram as palavras de um outro, e assim sucessivamente. Isso significa, portanto, sempre estarmos em constante diálogo com outros enunciados no uso da língua. Assim, é justamente essa “alternância entre os sujeitos” que determina o enunciado, uma vez que sempre tem como limite os enunciados-resposta de outros, assim como os enunciados a quem responde. Nas palavras do referido autor:

O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos [...] O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 299-300).

Dessa forma, a compreensão dialógica de um enunciado permite levar em conta diversas relações que vão além dos limites da linguística e de abordagens estruturalistas que partem do pressuposto da linguagem enquanto um sistema fechado e/ou isolado (KOBAYASHI, 2018). As relações dialógicas, portanto, só existem quando determinada forma lógica e um dado conteúdo semântico concreto materializam-se em dois diferentes

enunciados de dois sujeitos diferentes; assim, essa materialização passa a existir no discurso. No âmbito desta perspectiva dialógica, o Círculo propõe a noção de enunciado concreto. Voloshinov (1987 [1926], p. 198 *apud* SOUZA, 2002, p. 88) aponta que este “nasce, vive e morre no processo de interação social dos participantes do enunciado. Sua significação e sua forma são determinadas, essencialmente, pela forma e pelo caráter dessa interação”. Não é possível considerar, portanto, o enunciado como dissociado de um contexto interativo – um evento social – em que sua significação é constantemente negociada com outros interlocutores, vozes autorais, atores sociais etc.

A partir da caracterização apresentada até aqui, o Círculo também dá um passo no que diz respeito à organização dos enunciados: a proposição da existência de gêneros do discurso. Bakhtin (2011 [1979], p. 262, grifos do autor) define os gêneros como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*”, que surgem e se tornam complexos de acordo com cada campo da atividade humana. O autor defende que cada um destes campos tem propensão para desenvolver e organizar determinados tipos de enunciados, implicando a determinação e orientação dos gêneros de acordo com o uso em determinadas situações reais da vida. Tal qual o enunciado concreto, portanto, a noção de gêneros está calcada no contexto interativo social, isto é, “o enunciado concreto é, em relação aos enunciados anteriores, um enunciado típico da organização social da linguagem em gêneros do discurso de uma ou [de] outra esfera” (SOUZA, 2002, p. 103). Assim, é imprescindível conceber os gêneros do discurso através da alternância dos sujeitos que constitui o enunciado.

Bakhtin (2011 [1979]) aponta que os gêneros possuem um determinado conteúdo temático, uma construção composicional e estilos indissolavelmente ligados no todo do enunciado, determinados pelas especificidades de cada esfera da atividade humana; isto é, os gêneros do discurso, a partir de seu uso em determinada esfera, constrangem, ainda que relativamente, a maneira pela qual os enunciados são produzidos. O autor também faz uma distinção entre gêneros primários (simples) e secundários (complexos), associando aqueles ao “diálogo espontâneo”, e esses, ao “diálogo mais extenso e complexo que constitui todo e qualquer enunciado” (MARCHEZAN, 2006, p. 119), propondo que os de características complexas sejam oriundos dos de características primárias a partir do desenvolvimento social e cultural das sociedades e, em especial, da institucionalização dos discursos. Nessa perspectiva, Marchezan (2006, p. 119, *itálico da autora*) afirma que a distinção entre esses dois tipos de gênero, respectivamente, retoma “as duas maneiras de se considerar o diálogo [...]: em *stricto sensu*, o diálogo espontâneo e, com base nele, o diálogo mais extenso e complexo que constitui todo e qualquer enunciado”.

Já para a Análise Crítica do Discurso (ACD) faircloughiana, o conceito de gêneros do discurso diz respeito às diferentes maneiras de agir e praticar atividades sociais por meio de diversas semioses, isto é, os gêneros são constituídos de diferentes padrões sociosemióticos de agir (cf. KOBAYASHI, 2018). É bem verdade que a contribuição de Fairclough (2001, 2003, 2010 [1995]) e da ACD de maneira geral, no que diz respeito

às características constitutivas dos gêneros do discurso, não contrapõe a proposta do círculo de Bakhtin, mas avança no sentido de assumir os gêneros ancorados em uma rede de práticas em que o discurso está inserido, permitindo que os gêneros sejam compreendidos em uma perspectiva mais ampla.

Os Estudos Críticos do Discurso² (cf. Van DIJK, 2012) enfocam as práticas discursivas e o modo como elas modificam as práticas sociais e, por conseguinte, a estrutura social, da mesma sorte que por elas são modificadas. Chouliaraki e Fairclough (1999) defendem que as práticas são constituídas através das estruturas sociais e por seus respectivos mecanismos de reprodução. Portanto, as práticas são “modos rotinizados, ligados a espaços e tempos particulares, por meio dos quais as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agir conjuntamente no mundo” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21). Nesse sentido, os gêneros do discurso, i.e., as formas de agir sociosemioticamente, devem ser compreendidos como prática social ao invés de um fenômeno estritamente individual (FAIRCLOUGH, 2001). O objetivo da Análise Crítica do Discurso é teorizar “em particular [...] a mediação entre o social e o linguístico” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 16). Desse modo, a teoria permite compreender como a mudança social emerge da mudança discursiva e como esta refrata aquela.

Da mesma forma que Bakhtin (2011 [1979]) considera o enunciado como um elo em uma cadeia muito complexa de outros enunciados, Fairclough (2003, p. 166, tradução nossa) propõe o conceito de gêneros em cadeia³; de acordo com o autor, estas cadeias de gêneros são compreendidas como “séries de tipos de texto que são transformacionalmente relacionadas umas às outras, no sentido de que cada membro das séries é transformado em um outro ou mais, de forma regular e previsível”. O autor ainda argumenta que, dada a variedade de gêneros e “tipos de textos”, seria possível presumir que haveria um interminável número de cadeias. Contudo, as cadeias reais possuem número limitado, pois sua conformação é baseada em regularidade, previsibilidade e sistematicidade, logo, uma produção cinematográfica como um filme, por exemplo, alimenta regular e sistematicamente outros gêneros do discurso, tais como críticas em revistas especializadas, trabalhos acadêmicos, conversas do cotidiano etc. (cf. KOBAYASHI, 2018).

Tomando como base a proposição faircloughiana a respeito do valor qualitativo das cadeias de gênero, Nobre e Biasi-Rodrigues (2012) propõem as categorias de “simples” e “complexas” para caracterizar este fenômeno. Diferentemente da proposição bakhtiniana sobre os gêneros simples e complexos, que leva em consideração, dentre outros fatores, a

2 Assumimos a denominação “Estudos Críticos do Discurso”, proposta por van Dijk (2012), como sinônimo de “Análise Crítica do Discurso”.

3 Inicialmente o autor utiliza o conceito de “Cadeias Intertextuais”, mas preferimos utilizar a terminologia mais recente, “Cadeias de gêneros”.

institucionalização dos enunciados, os referidos autores ancoram-se na lógica funcional, de que as cadeias produzidas em um âmbito institucional particular, obedecendo a funcionalidade das normas internas e gerando um “bom funcionamento das práticas de uma dada ordem do discurso” (*ibid.*, p. 224), são consideradas simples; já as práticas sociodiscursivas regulares, sistemáticas e previsíveis de uma instituição, quando passam a servir aos interesses de outras, engendram uma cadeia de gêneros que se torna, de acordo com os autores, complexa.

Nessa perspectiva, *a priori*, todas as cadeias são simples, mas podem passar por esse processo de transformação, tornando-se complexas “por meio de práticas discursivas regulares de domínios institucionais que porventura mantenham uma relação de intercontextualidade” (NOBRE; BIASI-RODRIGUES, 2012, p. 226). Fairclough (2001) aponta essa complexidade por meio de um exemplo envolvendo o discurso presidencial, argumentando que esse discurso será transformado em textos da mídia, como reportagens, será comentado em livros e artigos acadêmicos, bem como será parafraseado em outros discursos etc.

O estudo sistemático das cadeias de gênero ainda é um campo bastante inexplorado nos estudos discursivos, sobretudo pela ausência de um modelo metodológico capaz de dar conta de produzir uma análise desse fenômeno. As cadeias em que os gêneros se localizam são, portanto, quase sempre, secundárias nas análises discursivas. Kobayashi (2018) traz o exemplo do estudo de campanhas digitais que possuem o gênero Meme como nó central para justificar um enfoque específico e mais detido para as cadeias de gênero, defendendo não ser possível compreendê-las (assim como analisar o Meme digital em si), tampouco realizar um debate sociodiscursivo sobre sua ocorrência, desprezando a origem textual, seus desdobramentos multigenéricos e a relação dialética (e dialógica) que estabelecem entre si.

Os estudos discursivos em meio digital

A internet é, sem dúvidas, uma das principais revoluções do século XX e do século XXI. Desde o ponto de vista da comunicação, passando pelos costumes e impactando até mesmo a cultura, o surgimento e, principalmente, o desenvolvimento desta ferramenta tem afetado a condição humana em seus mais diversos níveis de existência. Pela importância e complexidade que a caracterizam, é possível que, até os dias atuais, não exista, ao certo, uma resposta para sua definição, importância e impacto em nossas vidas. Desse modo, podemos afirmar que, apesar de transformadora e já contar com algumas décadas de existência, tal experiência humana é relativamente nova, sobretudo quando lançamos olhar para o modo que vem se desenvolvendo.

A partir do crescente número de usuários da rede e a criação de outras ferramentas como o “hipertexto”, a “*World Wide Web*” e o “TCP/IP”⁴, empresas passaram a comercializar o serviço de redes, gerindo domínios e provedores (cf. KOBAYASHI, 2018; ABREU, 2009). Em um primeiro momento, até metade dos anos 2000, as empresas revolucionaram a interface de troca de dados para algo mais palatável para o conhecimento médio das pessoas, possibilitando uma adesão maior do público geral comum. Nesta primeira fase, ocorreu uma *digitalização* dos gêneros comumente utilizados no meio material/concreto: o *e-mail* correspondendo à carta; os *sites* de notícias estruturado de maneira similar ao jornal impresso; os jogos eletrônicos como entretenimento; e, posteriormente, os bate-papos e *chats* instantâneos como as conversas faladas; os diários pessoais em formato de *weblog* etc.

Nessa primeira versão da internet, enquanto produto comercial, há uma transposição quase completa dos modos de agir do meio material/concreto para o ambiente virtual; em que a rede de computadores era uma plataforma acessória à “vida real”. Em outras palavras, a internet era um instrumento pelo qual poderíamos acessar um determinado conteúdo; uma prática que era, embora conectada em rede, solitária do ponto de vista do usuário. Estamos defendendo que o uso da *web*, naquele período, consistia na troca de informações circunstanciais e pontuais: as mensagens eram enviadas diretamente às pessoas selecionadas e os conteúdos eram produzidos e utilizados/acessados, como em uma grande biblioteca e, logo depois, fechados. A internet era uma mídia, um suporte de difusão de informação.

Em meados dos anos 2000, com a crescente popularização dos aparelhos eletrônicos (computadores) e do desenvolvimento tecnológico que permitiu ao usuário o acesso à internet de alta velocidade, a *web* passou por uma significativa alteração em sua forma de intermediar as relações sociais. Ora, se antes havia uma transposição dos gêneros discursivos para o meio digital, tais avanços tecnológicos possibilitaram a transposição de outros âmbitos da vida para o meio digital, isto é, as relações sociais propriamente ditas. Esse novo período da internet foi chamado de *Web 2.0*, termo cunhado após um *brainstorm* entre pesquisadores que culminou em uma conferência em 2004 (cf. O'REILLY, 2006).

O avanço e desenvolvimento da internet na última década apresentou ao mundo uma nova forma de se comunicar/interagir; através de plataformas digitais, fóruns *on-line*, redes sociais, dentre outros; esta ferramenta impulsionou um dinamismo de interação – concebida aqui de maneira ampla – nunca antes experimentada pela humanidade. O que antes estava condicionado ao uso de uma máquina de mesa, desenvolveu-se paulatinamente até fazer parte da vida cotidiana: dos *smartphones* em nossos bolsos até a “realidade aumentada” e, mais recentemente, a “internet das coisas”.

4 Não nos interessa, neste estudo, debater as especificidades técnicas e tecnológicas de cada um dos avanços feitos durante a evolução da internet.

Não é exagero afirmar que as fronteiras entre o que acontece na internet e o que ocorre no “mundo real” está cada vez menos perceptível; em outras palavras, diferentemente de como se concebiam os textos digitais em seu início, não é mais possível descrever a categoria “digital” como algo apartado ou antonímico do conceito de “realidade” e de “vida real”. Isso significa que interações, textos e discursos que circulam de modo *on-line* afetam (e são afetados por) acontecimentos da “vida material”. Podemos citar diversos exemplos desta relação, facilmente identificáveis, por exemplo, campanhas realizadas na plataforma Twitter que boicotam empresas e, mais recentemente, o impacto das redes sociais nos processos eleitorais no Brasil e no mundo.

Diversos autores (CASTELLS, 2015; MOROZOV, 2018; SHIFMAN, 2013; SOUZA-JUNIOR, 2013; KOBAYASHI, 2018) têm procurado descrever os impactos dos discursos *on-line* na vida material, tanto no âmbito da comunicação em si, nas transformações linguísticas e discursivas, quanto nos aspectos econômicos que caracterizam a sociedade atual. Castells (2015) defende que historicamente os movimentos sociais⁵ necessitaram de diversas ferramentas de comunicação para que pudessem existir: panfletos, manifestos, a própria imprensa, entre outros. Já os tempos atuais são marcados pela autonomia, interatividade e autossuficiência dos atores sociais, de modo que a produção e distribuição de conteúdo passa a ganhar uma amplitude outrora irrealizável. Isso significa que cada vez mais existem vozes com certa independência, influenciando, ainda que relativamente, as relações políticas e sociais mundo afora. Já Morozov (2018) traz a reflexão sobre a utilização de dados como “mercadoria”, de modo que as experiências e os comportamentos dos usuários da internet transformam-se em informações relevantes (e caras) obtidas por empresas.

Ora, se antes da *web 2.0* os estudos, em especial os linguísticos, buscavam reproduzir os métodos de análise dos gêneros “*offline*”, a partir da concepção da “digitalização dos gêneros”⁶ (cf. KOBAYASHI, 2018), as transformações digitais e tecnológicas possibilitaram a criação de gêneros com características distintas (o tuíte, o comentário em rede social, os Memes digitais, etc.), de modo que a análise de um *e-mail* como uma “carta eletrônica”, por exemplo, não se aplica aos gêneros digitais, justamente por não haver uma correspondência imediata e relativamente precisa como esta. Justificando, assim, o esforço de compreender a problemática dos estudos linguísticos e discursivos

5 Embora o termo “movimentos sociais”, sobretudo no Brasil, possa remeter imediatamente às organizações de viés mais concreto, como os movimentos da Via Campesina (MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens, etc.) e as organizações da luta por moradia (MTST – Movimento dos Trabalhadores sem Teto, CMP – Central de Movimento Populares, etc.), assumimos que Castells (2015) versa sobre qualquer agrupamento ativista que tenha uma atuação restrita à determinada pauta de interesse, mesmo que momentânea e dispersa.

6 Embora Kobayashi (2018) não utilize esta terminologia, encapsulamos aqui o conceito discutido a respeito da transposição de alguns gêneros ao modo digital.

em meio digital, na perspectiva da elaboração teórica e metodológica de análise destes gêneros.

Pelo uso da internet possibilitar, dentre tantas coisas, um menor controle daquilo que é produzido e distribuído – sobretudo em comparação aos meios de comunicação tradicionais, como a imprensa –, muitos atores sociais podem contribuir para a construção das informações, gerando um menor impacto na produção discursiva no âmbito individual. Em outras palavras, a internet deu espaço para que as pessoas publiquem, comentem, enfim, coloquem sua opinião e posicionamento; no entanto, por ser mais horizontal e diversa, os discursos que circulam, por exemplo, nas redes sociais, têm menor impacto imediato do ponto de vista individual, fazendo-se necessário olhar para um conjunto de textos.

Cadeias de gêneros digitais: uma análise ilustrativa

A análise aqui apresentada tem por objetivo demonstrar a pertinência dos estudos de gêneros interligados/em cadeia; estamos, pois, desenvolvendo seus aspectos constitutivos. Uma análise de cadeias de gêneros demandaria envolver outras perspectivas teórico-metodológicas que dessem cabo de analisar tanto os elos das cadeias, quanto sua implicação social e discursiva⁷. Portanto, para exemplificar a pertinência dos estudos de gêneros digitais através da noção de cadeias de gêneros, propomos uma breve análise ilustrativa do Meme digital que passaremos a chamar “Cloroquina/Tubaína”.

A pandemia da COVID-19 afetou o mundo de maneira marcante em diversos aspectos, um deles, talvez o mais relevante, diz respeito ao número de mortes *versus* as respostas sanitárias que os países buscaram construir. O Brasil, um dos países mais afetados pelo vírus SARS-CoV-2, teve uma das atuações mais questionadas de todo o mundo. O presidente da república, Jair Bolsonaro (JB), notadamente contrário às orientações de distanciamento social e, até há pouco, em consonância com sua base de apoio, negacionista com relação aos estudos científicos acerca da doença, foi um dos líderes mundiais entusiastas do uso de cloroquina/hidroxicloroquina como tratamento precoce à infecção, mesmo depois da comprovação científica da ineficácia dessas drogas com esse fim⁸.

Essa postura do governo federal gerou uma série de impactos na construção de políticas públicas durante a pandemia: da troca sucessiva de ministros da saúde com objetivo de

7 Algumas possíveis ferramentas para subsidiar esse tipo de análise podem ser encontradas nos estudos da Linguística Sistêmico-Funcional, da Linguística Textual, da Linguística de Corpus, dentre outras abordagens.

8 Cabe ressaltar que existiam diversos aspectos políticos envolvidos nessa escolha por parte do governo federal brasileiro; entretanto não disporemos energia nesta discussão no presente artigo.

sustentar as “crenças” do governo, até a ausência de campanhas por distanciamento social – comprovadamente um dos métodos mais eficazes de contenção do vírus – e, mais recentemente a vacinação. Além disso, diversas reações (contrárias e favoráveis) surgiram no sentido de dialogar com a postura presidencial, resultando nos mais variados tipos de textos/gêneros discursivos: editoriais, artigos de opinião, memes, protestos, músicas/paródia, dentre outros.

Os exemplos⁹ a seguir refletem uma resposta, através de Memes Digitais, a um dos argumentos mais utilizados por JB, que consistia em minimizar os estudos científicos sobre a ineficácia das drogas (e até seus malefícios), por exemplo, afirmando que seria melhor tomar, “por via das dúvidas”, do que morrer de COVID-19. Essa defesa pode ser observada em uma das *lives* do Presidente, em maio de 2020, em que ele satiriza a preocupação com os malefícios da droga, ao afirmar que: “quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda toma tubaína”.

Figura 1. Meme 1



Fonte: <https://images.app.goo.gl/FSuhRX9RtPCp91RX8>. Acesso em: 11 ago. 2021

⁹ Os exemplos utilizados neste artigo fazem parte do *corpus* de nosso trabalho de doutorado em andamento.

Figura 2. Meme 2



Fonte: <https://images.app.goo.gl/8Ly6ZM1Nks7PvSwFA>. Acesso em: 11 ago. 2021

A figura 1 apresenta duas imagens constitutivas do Meme. A imagem superior trata-se de um *print da live*, com a legenda enfatizando a fala de JB e a imagem inferior traz uma foto genérica de diversas marcas de tubaína, ressaltando, através da modalidade escrita, que, ao contrário da cloroquina, a tubaína não mata e não faz mal. A figura 2, por outro lado, traz as fotos de três políticos brasileiros: o ex-presidente Lula, JB e o deputado federal Aécio Neves, a cada um deles atribui uma característica: Tubaína, Cloroquina e “...” (reticências).

As duas figuras fazem referência direta e explícita à fala de JB na referida *live*, a primeira argumentando contrariamente e a segunda trazendo dois atores que não estavam diretamente citados no enunciado-fonte. Lula, como representante da esquerda, justifica a legenda “Tubaína”, em contraposição ao próprio JB (autointitulado como pertencente à direita conservadora). Já a presença de Aécio Neves, caracterizado pelas reticências, marca o ponto central do Meme, pois faz mobilizar, através de uma possível rima constitutiva da sátira de JB, o conhecimento acerca dos diversos rumores e investigações sobre Aécio Neves ser usuário e estar envolvido no tráfico de Cocaína. Embora o primeiro meme tenha um conteúdo mais explicitamente contrário à proposição de JB, é possível inferir que a figura 2, ainda que mais discretamente, ataca o espectro político da direita, haja vista o fato de que Aécio Neves foi um dos candidatos à presidência da república em 2014, representando oposição aos governos anteriores, concebidos como de esquerda.

Além dos memes digitais sob análise, dentre tantas manifestações em resposta à JB, também podemos citar a nota da Afrebras¹⁰ (Associação dos Fabricantes de Refrigerantes

¹⁰ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/20/associacao-de-refrigerantes-critica-bolsonaro-por-piada-citando-tubaina.htm>. Acesso em: 11 ago. 2021.

do Brasil) (ver anexo 1), posicionando-se de maneira crítica à declaração de JB, e o *site* de notícias UOL, que tratou de falar da história da Tubaína¹¹. A Afrebras critica a politização da medicação, enquanto o *site* ajuda a evidenciar a associação entre a tubaína e os mais pobres, um dos efeitos de sentido que justifica, em parte, a provável escolha do refrigerante como contraposição ao medicamento.

Observamos, então, que o mesmo enunciado-fonte gerou, neste recorte, dois exemplares do gênero Meme. A despeito desse gênero ser constituído a partir de replicadores que sofrem variação (cf. DAWKINS, 1976; SHIFMAN, 2013; KOBAYASHI, 2019), o que implica algum conhecimento prévio do enunciado-fonte para que este tenha condições de se fazer compreendido, o próprio enunciado-fonte abre a possibilidade para a ocorrência de outros gêneros. No entanto, o efeito de sentido gerado por esses memes e, sobretudo, o impacto social que causam, não possui contornos nítidos. Estamos argumentando aqui no sentido de, ao olhar apenas para alguns destes Memes, não ser possível realizar uma análise social precisa, haja vista que podem refletir apenas o posicionamento individual de alguns usuários.

Da mesma forma que a *live* de JB deu origem aos Memes aqui analisados, também provocou a resposta de um portal de notícias, através de uma reportagem e de uma nota de repúdio da associação representativa dos fabricantes de refrigerantes do Brasil. Desse modo, ao expandirmos nossa cadeia para outros gêneros e textos, tornam-se mais visíveis os impactos sociais do enunciado-fonte. Uma outra possível chave de análise seria coletar e analisar os discursos que sustentam esse posicionamento de JB (memes favoráveis ao uso da cloroquina, veículos e *sites* pró-governo), além da própria resposta do presidente às avaliações negativas que decorreram de sua fala.

Não estamos propondo, no entanto, uma análise meramente quantitativa – ainda que esse tipo de análise tenha sua importância – com relação aos desdobramentos de um determinado texto. A análise dos gêneros em cadeia permite verificar como uma determinada ideologia possui maior ou menor penetração social, além de como ela transforma os enunciados e, sobretudo, os impactos sociais – como as políticas públicas – ao longo do tempo. Nesse sentido, é fundamental, para recortar uma cadeia de gêneros, ter em vista os diversos posicionamentos axiológicos emergentes de um determinado ponto de partida, um enunciado-fonte, para que se possa verificar, ao longo do tempo, a transformação ideológica, i.e., a luta por hegemonia em uma determinada ordem do discurso.

11 Disponível em: <https://bit.ly/38HzJEh>. Acesso em: 12 ago. 2021.

Considerações finais

Este artigo apresentou um olhar teórico sobre gêneros em cadeia, buscando argumentar no sentido de sua pertinência para analisar textos no ambiente digital. Pudemos demonstrar, através de uma breve análise ilustrativa, a importância de conceber os gêneros digitais a partir de um conjunto de textos mais amplo, apresentando algumas possibilidades analíticas para a abordagem deste fenômeno.

Além de impactarem em políticas públicas e na disputa ideológica propriamente dita, os gêneros digitais contribuem, segundo a análise realizada, para um olhar mais amplo sobre a sociedade, uma vez que se possibilita investigar a hegemonia de determinados pontos de vista. Suas características, conforme aqui sugerimos, demandam um olhar mais amplo e complexo para que se possa identificar os efeitos de sentido daquilo que circula na *web*.

Embora seja de grande relevância para os estudos discursivos sobre o meio digital, o estudo de gêneros em cadeia não possui uma proposta metodológica de análise sistemática, dificultando, pois, sua aplicação. Chamamos a atenção para a necessidade da proposição de categorias de análise para os gêneros, para considerar a relação intertextual e interdiscursiva entre eles, bem como dimensionar a funcionalidade da relação cronológica, que permite interpretar a movimentação hegemônica dos discursos.

Assim, acreditamos que este estudo possa contribuir para a área dos estudos críticos do discurso, apresentando a problemática e a relevância da análise de gêneros em cadeia.

REFERÊNCIAS

ABREU, K. C. K. História e usos da internet. *In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/abreu-karen-historia-e-usos-da-internet.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979 [1929].

BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. tradução direta do Russo por Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. *In: BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979]. p. 261-306.

CASTELLS, M. *Networks of Outrage and Hope: Social Movements in the Internet Age – Second Edition*. Pollity Press: Malden, USA, 2015 [2012].

CHOUILIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity: Rethink Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DAWKINS, R. *The Selfish Gene*. Oxford: Oxford University Press, 1976

FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*: 2th ed. Harlow: Longman, 2010 [1995].

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

KOBAYASHI, S. M. *Entre o meme e a campanha: representação e ação na cultura digital*. 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/D.8.2019.tde-28022019-133545>.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

MOROZOV, E. *Big Tech: ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu, 2018.

NOBRE, K. C.; BIASI-RODRIGUES, B. Sobre cadeias de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 12, n. 1, p. 213-230, 2012.

O'REILLY, T. O que é Web 2.0: Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de *software*. Tradução Miriam Medeiros. Disponível em: <http://oreilly.com>. Acesso em: 04 ago. 2021.

SHIFMAN, L. *Memes in a Digital Culture*. Cambridge, MA: The MITpress, 2013.

SOUZA, G. T. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Voloshinov/Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.



SOUZA JUNIOR, J. Memes da internet e a produtividade funcional: um argumento sistêmico-funcional e crítico-discursivo para a propagação dos fenômenos. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia: Periódicos UFMG*, v. 6, n. 2, p. 106-124, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/16647>. Acesso em: 08 ago. 2021.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradução R. Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VOLOSHINOV, V. N. *Freudianism. A Critical Sketch*. Tradução I. R. Titunik. Indiana, Indiana University Press, 1987 [1927].